

Edifício inclinado de Quarteira começou a ser monitorizado

Idálio Revez

A Câmara de Loulé promete assumir as suas responsabilidades ao nível da Protecção Civil. Os custos de correcção não se sabe quem paga

Os moradores do edifício Austral, em Quarteira, que rodou e inclinou cerca de 30 centímetros, assistiram ontem à instalação de equipamentos de monitorização para verificar se o prédio de oito pisos corre, ou não, risco de colapso.

O licenciamento do imóvel, a três centenas de metros do mar, não foi sujeito a qualquer estudo geotécnico e geológico do terreno. A laje que sustenta o prédio está assente em areias, lodo e água. De acordo, com uma auditoria feita pelo Instituto Superior Técnico, a pedido dos condóminos, "a maior parte da rotação do edifício ocorreu durante a fase construtiva", mas continua a ceder, embora de forma menos acentuada. Uma outra inspecção efectuada por professores da Universidade do Algarve, a pedido do município, concluiu, num exame preliminar, que "a rotação de corpo rígido deverá estar estabilizada", desde há cerca de dois anos.

Os técnicos da **Gauss - Topometria e Motorização Estrutural**, empresa que entre outros trabalhos fiscaliza a estrutura da **Ponte Vasco da Gama**, colocaram 16 alvos de monitorização no edifício. O equipamento utilizado permite leituras de alta precisão, abaixo de um milímetro, numa distância entre os 800 e os 1500 metros. Os dados recolhidos são depois sujeitos a tratamento em computador, tendo em conta que se trata de uma zona de elevado risco sísmico. "A nossa grande preocupação é garantir a segurança dos moradores e transeuntes", afirmou o presidente da câmara, Seruca Emídio, acerca das consequências de um eventual colapso do prédio. É que, numa eventual derrocada, os prédios, no outro lado da rua, também poderão ir abaixo, por efeito dominó.

O dono da obra, Walter Pinto, foi notificado, pelo Tribunal de Loulé, em edital público, para que assuma a responsabilidade civil e criminal pelo sucedido, mas encontra-se em parte incerta. Trata-se de um emigrante na Austrália, que tem bens registados em seu nome em Portugal, mas estão já comprometidos por dívidas ao fisco. Na prática, os 2,5 milhões - o montante previsto por uma empresa da especialidade para segurar o prédio - dificilmente poderão ser custeados pelo promotor da obra. O construtor, Fernando José Pedro da Silva, também foi alvo de acção da repartição de Finanças de Loulé, que pôs um seu terreno à venda, em hasta pública, em Quarteira, por falta de compromissos com o Estado.

"Uma canseira"

O alerta para o chamado "efeito de torre de Pisa" foi dado por Germano Silva, que comprou, em Fevereiro do ano passado, um T2, no quinto piso, por 150 mil euros - que tinha pertencido a um cidadão inglês. A princípio, disse, "não levei muito a sério o facto de o soalho estar inclinando, pensando tratar-se de um erro dos pedreiros". Mas, aos poucos, começou a interiorizar a ideia de que algo estaria errado. "Quando à noite ia do quarto à casa de banho, parecia fácil, mas quando regressava, dizia para a minha mulher: estes passos custam muito mais, dão cá uma canseira..."

De acordo com a auditoria do Instituto Superior Técnico, a laje de sustentação do prédio devia ter 35 centímetros de espessura, com uma malha de ferro de 14 e 16 milímetros, mas só tem sete e 15 centímetros, consoante as zonas. A malha de ferro ficou-se pelos quatro milímetros. O

director técnico da obra, Paulo Martins, para efeitos de passagem de alvará de licença de utilização, declarou que o projecto tinha sido cumprido. E acrescentou que existem "vários factores que contribuem para o desequilíbrio e instabilidade na zona". Nos dois prédios contíguos, observou, "há bombas a tirar água 24 sobre 24 horas".

O presidente da câmara admite que, em função do relatório da Gauss, "poderá haver necessidade de realojar os moradores, para proceder às intervenções no edifício". Quem suportará os custos, disse, "terá que ser o tribunal a decidir, mas a câmara assume as suas responsabilidades".

Francisco Batista comprou um apartamento de férias no Austral, no final de uma carreira profissional de bancário. Nos primeiros anos, admite, chegou a "falar-se que o prédio estava a ceder", mas o assunto não foi levado muito a sério. "Alguns até diziam que não era este prédio que estava a rodar, mas sim o do lado." Agora, que já existem dados técnicos a comprovar, confessa que não está tranquilo: "Costumo vir para aqui com os meus netos. Eles, na sua inocência, conseguem dormir, eu é que já não durmo." Por outro lado, Germano Nunes acrescenta que a bola com que brinca com a filha "desliza de um canto ao outro do quarto, sem lhe tocar".

Resultados fiáveis só no final do ano

O edifício Austral teve o projecto de arquitectura aprovado em 1996. A construção iniciou-se dois anos depois e o alvará de licença de utilização foi emitido em 2001. Cinco anos depois, a pedido dos condóminos, a Câmara de Loulé fez uma vistoria de deficiências, confirmando que o prédio apresenta "uma declinação de cerca de 30 centímetros, em relação à vertical". Na garagem, testemunharam, é "visível o rompimento de vários pilares". Um mês depois, técnicos da Universidade do Algarve, numa avaliação prévia, manifestaram a opinião de que, nos últimos dois anos, a deslocação estaria estagnada, embora houvesse necessidade de mandar fazer a monitorização. A meio de Dezembro, foi adjudicado pelo município esse trabalho à empresa **OZ-Diagnóstico, Levantamento e Controlo de Qualidade em Estruturas e Fundações**, em parceria com a **Gauss**.